

UMA FRATERNIDADE eterna

» RICARDO DAEHN

Enquanto o universo volta a atenção para o nascimento de Jesus Cristo, os brasileiros que, não poucos, embarcam em gaiatices e se animam com “bilouras” (ou pilouras, ou, ainda melhor, astúcias e malícias) podem correr para as filas de cinema para assistir a *O Auto da Compadecida 2*. Codirigida por Guel Arraes e Flávia Lacerda, a comédia aponta para a ressurreição de João Grilo (Matheus Nachtergaele) testemunhada pelo amigo Chicó (Selton Mello), sempre inabalado pelos absurdos que relata e que narra com o inigualável atestado final: “só sei que foi assim”.

O milagre da volta de João Grilo vindo da morte embalou, no set, a afeição entre dois capricornianos que “se complementam” — como Selton destaca ao falar de Nachtergaele em material de divulgação do filme. Para ele, o primeiro longa-metragem vai existir e “sempre será um clássico”. Na base da popularidade, ele vê a continuação, mais de 24 anos depois, como “um carinho que a gente oferece para o público”. Quem define o rumo da nova adaptação é Matheus Nachtergaele: “o filme reúne tradições do arquétipo picaresco universal, adaptadas à mentalidade e ao imaginário do Brasil”.

Mais de uma década depois da morte, o nome do autor da peça (publicada em 1955) que sustenta o filme reluz: Ariano Suassuna. A codiretora pernambucana do filme, Flávia Lacerda, contou com o mestre como “mentor” em algumas montagens teatrais. Graças a ele, conta ter bebido da cultura medieval e ibérica e dimensiona um diferencial na escrita de Suassuna: nada de divisão entre cargas eruditas e populares. Empenhado ainda no roteiro, desenvolvido junto com João Falcão, Adriana Falcão e Jorge Furtado, o codiretor Guel Arraes demarca a modernização espraída nos anos de 1950 na trama que bebe ainda do texto sessentista de Suassuna, *Farsa da boa preguiça*. Flávia e Guel, recentemente, apresentaram a remodulação da obra de Guimarães Rosa, com o longa *Grande sertão*.

Se, entre os causos, João Grilo relata a existência de 9,873 milhões de estrelas no céu, *O Auto* traz outro histórico ao peso dos milhões — com público superior a 2,2 milhões, há 20 anos, o filme original contribuiu para o crescente de um público brasileiro que estabeleceu reflexos de identidade com obras que espontaneamente, na sequência, nos êxitos de *Carandiru*, e os milagres da multiplicação das plateias (e títulos) de *Tropa de elite*, *Se eu fosse você* e *Minha mãe é uma peça*. “Voltar a (ver brasileiro) ter orgulho de si” está nos objetivos da produção, pelo que sublinha Flávia Lacerda, atenta à dimensão espiritual e encargo pop da nova obra.

Sertão novidadeiro

Quem esquece a saga do gato que “descome” (defeca) dinheiro e de outros descalabros do sertão de Taperoá, com enviados do céu e dos infernos, encenação de morte e amontoados de hilárias mentiras sobrepostas num timing admirável? Agora, o espectador terá contato com a cabra Joaquina, ensinada por Chicó, “a desaprender a comer”; com o instruído papagaio que memorizou o código civil e ainda com a certeza de que “a fé traz esperança”, como bem intercede a nova Nossa Senhora (vida por Taís Araujo). São lembradas as peripécias do demo promotor e do Cristo juiz.

Com quê segmentado, à la enredo de cordel, *O Auto da Compadecida 2* traz o frescor de incorporar novos tipos, como Coronel Ernani (Humberto Martins), pai da quase pretendente de Chicó, Clarabela (Fabiula Nascimento), que se viu deixado por Rosinha (Virginia Cavendish). Nisso, desponta a sensibilidade de Chicó, que admite: “Quando a senhora foi embora, eu parei até de gostar de mim”.

Num contexto de “casamento” entre fanatismo e ignorância, e das ameaças da seca, o filme abarca administração de caçambas e das “pisas” encomendadas pelos ditos poderosos. “Toda aparelhada, cheia de vocabulário”, Clarabela se envolve numa colorida aventura (sob a fotografia de Gustavo Hadba) que alinha disputa até mesmo eleitoreira. Exercendo o monopólio, com domínio de meios de comunicação e um sistema de vendas (a crediário) numa cidadezinha pequena, o comerciante Arindo (Eduardo Sterbitch) é outro novato na trama, tal qual o amigo (“por lei”) e ex-sócio de João Grilo, o “tabacudo (ignorante) e todo saliente”, Antônio do Amor (papel a cargo da malandragem de Luis Miranda). Junto com a graça da retórica demagógica, plena de conteúdo, somam-se vozes de talentos como Fatel, Ana Barroso, Maria Bethânia e Chico César, numa trilha marcante.

**SELTON MELLO
E MATHEUS
NACHTERGAELE ESTÃO DE
VOLTA NA PELE DE CHICÓ
E JOÃO GRILLO EM UMA
SÉRIE DE AVENTURAS
HILARIANTES EM *O AUTO
DA COMPADECIDA 2***



Selton Mello e Matheus Nachtergaele vivem a dupla hilária do longa

Três perguntas //
Selton Mello, ator

A malícia sexual está menos presente no novo filme?

O Chicó continua sendo um frouxo, o maior frouxo que ele mesmo já conheceu (risos). Eu adoro essa coisa dele ser medroso e isso continua firme e forte, mesmo já sendo um homem feito. Mas claro, 20 anos depois, agora ele virou um homem, então de vez em quando ele vira uma chave da maturidade. Ele vai lidar com algumas questões da vida amorosa quando Clarabela, nova personagem da Fabiula Nascimento, se encanta por ele, e Rosinha (Virginia Cavendish) retorna à cidade. Creio que essa malícia do Chicó se mantém nos dois filmes, mas sempre acompanhada de uma inocência e simplicidade.

Como vê o cinema brasileiro na atualidade?

Estamos em um novo momento cinematográfico do Brasil e temos mostrado que fazemos cinema para todos os gostos, para todos os públicos.

Estar num personagem como Chicó é como voltar a vestir um paletó? Houve comedimento no gestual dele?

Sim, era como se eu só precisasse colocar a roupa e virava o Chicó de novo. Esses palhaços já estavam dentro da gente, apesar do longo tempo sem revê-los. O Chicó tem um gestual próprio, e esse comedimento vem de encontro ao jeito frouxo e divertido dele. Eu também já conheço a linguagem e o método de direção de Flávia Lacerda e Guel Arraes, então foi um processo inteiro muito lindo. Estamos todos muito felizes em poder oferecer esse carinho para o público.

Três perguntas //
Flávia Lacerda, codiretora

Estamos num período natalino. Isto posto, nosso cinema está em estado de graça?

Que bom né? Passamos por um período bem doído para a cultura brasileira, aí veio a pandemia e tal. Estava em tempo de voltar a nos ver nas telas e ter orgulho dessa imagem. Além do *Auto 2*, tem aí *Malu*, *Ainda estou aqui*, *A arca de Noé*, *Chico Bento*. Todos belos, sensíveis, bem realizados e genuinamente nossos.

A vitalidade decaiu, com Chicó e João mais acomodados?

Não creio. Acho que os 25 anos passaram para os personagens também. Diria que estão mais maduros. Mas mantêm suas características: João Grilo, o pícaro, com arroubos de coragem e ética própria. Chicó, o lírico, covarde e mentiroso. Ambos personagens presentes nas anedotas populares nordestinas.

Tudo (do primeiro) retornou, de pronto, na instalação da nova aventura?

Retornou e não retornou. De certo que o universo, os personagens, o ritmo, a cadência, o tipo de humor e a emoção mais pueril seguem latentes, mas o tempo se fez presente. E todos os envolvidos estavam, de certa forma, mais amadurecidos profissionalmente. Acrescente ainda uma camada de responsabilidade maior por estarmos tocando num dos filmes mais queridos do brasileiro.